

# **O ENCOSTO**

**Comédia em 3 atos**

**de**

**WILLIAM MENDONÇA**

# **O ENCOSTO**

## **Comédia em 3 atos de William Mendonça**

Peça teatral escrita em 1996  
a partir de esquete do mesmo autor.  
Encenada pela primeira vez em 1997.

® Todos os direitos reservados

### **E-book criado por William Mendonça**

O autor autoriza a distribuição gratuita  
desde que o conteúdo não seja alterado  
e que seja citada a autoria e a fonte.

**Mendonça, William Pereira de (1968 - )**  
**O ENCOSTO - Comédia em 3 Atos**  
**Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques**  
**56 p.; 21 cm**  
**1 - Teatro, comédia**

Publicado no site do autor em 15/10/2006  
[www.williammendonca.com](http://www.williammendonca.com)

Contatos para montagens teatrais:  
[will\\_mendonca@yahoo.com.br](mailto:will_mendonca@yahoo.com.br)

## **O ENCOSTO**

---

## ÍNDICE

5 - Sobre a peça

---

6 - Personagens

7 - Primeiro ato

21 - Segundo ato

38 - Terceiro ato

---

54 - Sobre o autor

## SOBRE A PEÇA

### **O Encosto**

A peça teatral **O ENCOSTO** surgiu a partir de uma esquete, de mesmo nome, escrita em 1995 por William Mendonça. A história de um marido traído que volta dos mortos para assombrar a viúva e o amante poderia ser uma história de terror, mas virou comédia.

Depois da primeira apresentação da esquete, na Mostra de Teatro de Itaboraí - RJ, em 1996, dirigida pelo próprio William Mendonça, o autor percebeu o potencial da história para uma peça, e reescreveu o texto.

No ano seguinte, a peça chegou aos palcos, com apresentações no Teatro Municipal João Caetano de Itaboraí e nos teatros dos colégios Alberto Torres e Brasil Vianna, na mesma cidade, dirigida inicialmente por Zeca Palácio e depois por Arlete Barbosa.

William Mendonça, poeta, cronista e jornalista, iniciou-se na dramaturgia em 1987. É autor de 12 peças teatrais, algumas já encenadas, como “**O Encosto**”, “**A Voz que Clama no Deserto**”, “**Cordeiro de Deus**” e “**Os quatro poetas**”. Trabalhou como ator, diretor e oficineiro de teatro junto à Cia. do Teatro João Caetano e a Cia. Parafernália de Teatro, de Itaboraí.

## PERSONAGENS

**PEDRO** - Fantasma. Homem na faixa dos 40 anos que, após a morte, volta para assombrar a viúva.

**MÁRCIA** - Viúva de Pedro. Mulher jovem e exuberante.

**D<sup>a</sup> NANÁ** - Sogra de Pedro. Uma senhora entre 50 e 60 anos. Rezadeira.

**CARLOS** - Ex-amigo de Pedro, que tem um caso com Márcia.

**ISSAC GOLDENBERG** - Agente funerário. Uma figura exótica.

# O ENCOSTO

## 1º ATO

*Cenário:*

*Sala de uma família suburbana - mesa central, quadros na parede, uma televisão, e alguns objetos decorativos*

(Sala da casa da família do falecido Pedro. D<sup>a</sup>. Naná, a sogra, está junto a um caixão - preparando detalhes para o velório e o enterro. Pedro morreu durante a noite - um ataque cardíaco quando fazia sexo com Márcia, a esposa.)

**D<sup>a</sup>. Naná:** (ajeitando o falecido no caixão) O trabalho sujo sempre sobra para a velhinha aqui ... lavar defunto, vestir defunto, maquiagem defunto, botar talquinho no defunto ... Ah! e eu que nem gostava desse safado! (para o que está fazendo e olha para a cara do falecido) E ainda morreu rindo! Também, morrer na cama, fazendo ... (abaixa a voz) sexo! Tinha que rir mesmo ... Feliz foi ele - eu é que nem me lembro mais a última vez que eu fiz ... (fala baixo) sexo. É, Pedro, vamos ver se o seu xará lá de cima vai aceitar você no céu. É bom a gente encomendar muito bem a sua alma, porque nunca se sabe aonde é que um defunto vai parar. (acende algumas velas).

**Márcia:** (entrando) Ai, mãe, sinceramente eu já estou cansada só de pensar em enterrar o Pedro.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Você tá é cansada de outra coisa!

**Márcia:** Ô, mamãe - só porque o Pedro não agüentou a minha disposição? Ele não tinha pique! Ficava por aí com um monte de amantes, quando não conseguia nem dar conta do que tinha em casa! Acabou assim (aponta para o caixão) mortinho da Silva.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Mas você, hein, Márcia, não está ligando nem um pouquinho pra morte do seu marido... Que vergonha!

**Márcia:** Ligando eu estou - tenho que arrumar um jeito de pagar essa pobreza de enterro, ou então enterrar o falecido de favor.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Não é disso que eu estou falando.

**Márcia:** E tem mais alguma coisa em que pensar: herança o infeliz não deixou e, do que jeito que ele era, deve ter me deixado é um monte de dívidas, isto sim. Espera só!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Mesmo com tudo isso, ele era seu marido - e por isso, minha filha, você vai ter que guardar luto!

**Márcia:** Luto!? Ah! não, mamãe!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu exijo! Afinal, qual foi o tipo de criação que eu te dei? Seu pai morreu há mais de 10 anos e eu ainda estou de luto. E não botei mais nenhum homem dentro dessa casa.

**Márcia:** É que ninguém quis se arriscar ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** O quê!?



**Márcia:** Nada, mãe. É que eu acho esse negócio de luto o fim da picada. Ficar andando por aí vestindo preto, com aquela cara de “quem morreu fui eu”, enquanto o Pedro fica no inferno traçando umas diabinhas!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu não vou deixar você ficar falada, minha filha - quer dizer, ficar mais falada do que já é. Você vai usar luto e ponto final!

**Márcia:** Tá. Então, luto oficial de três dias, igual quando morre um presidente. O Pedro não merece, mas eu faço esse sacrifício ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (repreendendo) Márcia!

**Márcia:** Ô, mamãe, eu tava só brincando. (pensa) Hum! Então uma semana.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Seis meses. (começam a negociar)

**Márcia:** Quinze dias, só pra não ficar feio.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Dois meses pelo menos, Márcia.

**Márcia:** Um mês e não se fala mais nisso. (sai de perto para cortar o assunto) E o Carlos que não chega!

**D<sup>a</sup>. Naná:** O quê!? Não me diga que o seu regra três já entrou em campo? “A Suderj informa: sai Pedro, entra Carlos!”

**Márcia:** Ah! mamãe. Que maldade! Justo você pensar uma coisa dessas de mim ... É triste, viu, a gente sair de dentro de uma mulher que pensa cobras e lagartos da gente.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Também, depois que saiu de mim e resolveu seguir a direção que o próprio nariz aponta, eu penso de você o que bem entender!

**Márcia:** Pura maldade sua. Eu e o Carlos somos apenas bons amigos ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (resmungando) Sei, sei ...

**Márcia:** Afinal ele e o Pedro eram colegas de trabalho ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (ainda resmungando) Sei, acredito ...

**Márcia:** Eles jogavam futebol juntos, saíam por aí para beber cerveja ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Sei, e aí o camarada resolveu ser sócio da mulher do outro ... Márcia, isso é a coisa mais antiga do mundo. Tem em tudo que é novela, filme de “Holiúde”, fotonovela - até em peça de teatro. Você não vai conseguir me convencer que as coisas não são como parecem.

**Márcia:** (desistindo de explicar) Mãe, você hoje está impossível! Eu vou lá dentro trocar de roupa. Vou vestir um “tubinho” preto pra arrasar no enterro. Vai ter defunto levantando só pra me ver. Já que tem que ser de luto, vai ser com classe (vai saindo).

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pra você ficar mais animada, só se fosse ao shopping “estourar” um cartão de crédito.

**Márcia:** Você não vai estragar meu dia! (sai de vez)

**D<sup>a</sup>. Naná:** (senta-se ao lado do caixão) Haja fogo! Depois despachar você pro além, Pedro, ela não vai dar mais sossêgo.

(Pedro começa a levantar, em espírito. Está cheio de preguiça, boceja, estica os braços. D<sup>a</sup>. Naná não percebe o espírito. Olha “através” dele e sai. Pedro põe as pernas para fora do caixão e cai na hora em que tenta levantar. A figura dele é ridícula: camisa social, gravata, cuecas e meias.)

**Pedro:** Caramba! Não me lembrava que a cama era tão alta assim! (espreguiça-se) Parece que eu dormi uma eternidade. Cara, eu não estou bem! Parece uma daquelas ressacas brabas - tudo girando (faz cara de enjoado) - o mundo tá se desmanchando na minha frente. (voltam Márcia e D<sup>a</sup>. Naná)

**Márcia:** Não vejo a hora de acabar com esse negócio de velório, enterro, extrema-unção ... (não notam Pedro na sala)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pára com essa ansiedade. Assim vai dar na vista, minha filha!

**Márcia:** Deixa disso, mamãe. Não tem ninguém aqui.

**Pedro:** (senta-se e estica as pernas) Ô Márcia, pega lá dentro um Sonrisal pra mim, que eu tô enjoado! (as duas nem ligam)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Mas você não acha que essa roupa está meio escandalosa - parece que é pra um show de strip-tease. Falta pouco pra você ficar pelada.

**Márcia:** Que exagero, mãe!

**Pedro:** (quando nota que ninguém ouviu) Márcia, pega lá um Sonrisal pra mim. Eu tô completamente tonto. (elas vão para perto do caixão e olham para o defunto, ajeitam as velas, etc.) Porra, será que ninguém me dá atenção nessa casa!? Ô Márcia, cê tá querendo que eu morra botando os bofes pra fora!?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Ah! Minha filha, ele podia até ser um safado, mas foi uma judiação ele morrer assim. Estava tão novo ainda ...

**Márcia:** Novo nada, era só a casca. Por dentro tava tudo podre, caindo aos pedaços.

**Pedro:** Ô D<sup>a</sup>. Naná, já que sua filha não atende, dá pra senhora pegar um remédio lá pra mim?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Mas a culpa é sua, minha filha. Eu e seu pai fomos casados mais de vinte anos e ele morreu até bem conservado. Eu não cansava muito ele não.

**Pedro:** (irritado) É hoje! Já vi que vou ter que fazer tudo sozinho! (levanta para pegar o remédio)

**Márcia:** Também, mãe, parece que vocês só transaram no dia em que me fizeram. Nunca vi gente mais fria do que vocês. O Pedro era meio pilha fraca, mas não deixava de comparecer.

**Pedro:** (prestando atenção) Pilha fraca?...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (insinuando) E se ele não desse conta do “trabalho”...

**Márcia:** Pare com essas insinuações. (voltam a preparar o defunto)

**Pedro:** (dirige-se para o caixão) Afinal de contas, o que é que vocês tanto fazem aí, hein!? (olha pro caixão e dá um grito, horrorizado) Ah! S-sou eu!... quer dizer, eu tô aqui, mas tô ali também. Caramba, dessa vez eu bebi muito mesmo! Peraí! Não tô entendendo nada ...

**Márcia:** Pensando bem, mãe, eu nem esperava ficar viúva nessa idade. Foi sorte minha. Achei que o Pedro fosse morrer com uns 80 anos, porque vaso ruim não quebra fácil. (Pedro anda pela sala, confuso)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Sinal que o vaso não era tão ruim assim.

**Pedro:** (à parte) Ué! Se a Márcia ficou viúva, quer dizer que eu morri. (para a platéia) Peraí, eu morri? - Não, deve ser um pesadelo ou então uma ressaca mal curada. (para D<sup>a</sup>. Naná) Me belisca, D<sup>a</sup>. Naná, me belisca pra ver se eu tô sonhando! (fica nervoso) D<sup>a</sup>. Naná! Márcia! Vocês tão querendo me deixar maluco! (entra Carlos)

**Carlos:** (esbaforido) Márcia, eu já acertei tudo!

**Márcia:** (derretida) Ah! que bom, Carlos. Não sei o que eu faria sem você.

**D<sup>a</sup>. Naná:** (cutucando a filha, para disfarçar) E o que você resolveu?

**Carlos:** Falei com um papa-defunto amigo meu, que vai fazer o enterro do Pedro parcelado em 24 prestações, na camaradagem.

**Pedro:** Ô, Carlos, até você tá querendo me enterrar!?  
Eu tô ferrado mesmo ...

**Carlos:** Daqui a pouco o Issac vai estar aqui pra pegar o corpo. Não se preocupem!

**Márcia:** (não se contendo) É, Pedro, agora você vai mesmo lá pro quinto dos infernos.

**D<sup>a</sup>. Naná:** (repreende) Márcia!

**Pedro:** (para o público) Eu vou dar uma “bifa” nessa mulher! Que abuso! (outro tom) Sabe, eu tô começando a desconfiar que esse negócio de morte é sério.

**Carlos:** Márcia, o Pedro era até um bom camarada ...

**Márcia:** Não disfarça não, Carlos. É isso: morreu, fica bonzinho! Pra mim, ele não mudou nada (põe a mão no caixão) só tá mais frio ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Cruzes! (benze-se)

**Pedro:** (senta-se) Tá bom, eu morri! Tô convencido! Morri e pronto: ferrou! E agora - o que é que eu faço? Vou pra onde? Devia ter uma plaquinha assim: Céu (aponta pra cima) a dois quilômetros; Inferno (aponta pra baixo), logo ali! Mas não tem ... (toca a campainha)

**Carlos:** (indo atender) Deve ser o Isaac.

**Pedro:** Pronto, agora eu vou ...

**Carlos:** (abrindo a porta) Isaac, meu camarada, vamos entrando!... Essas são Márcia, a viúva, e D<sup>a</sup>. Naná,

a sogra do falecido.

**Isaac:** Bom dia, minhas senhoras! É um dia muito difícil, eu compreendo, mas o falecido agora está entregue à mais tradicional funerária da cidade. (empolga-se e faz um discurso) Desde o século passado, os Goldenberg estão no ramo funerário. O avô do meu avô, Abrão Goldelberg, enterrou nobres, fez grandes cortejos no Segundo Império e chegou a prestar seus serviços no exterior, por seu grande gabarito ...

**Carlos:** (cortando) O Isaac tem muito orgulho de ser papa-defunto ...

**Isaac:** (indignado) Papa-defunto, não - Agente Funerário, há cinco gerações!

**Carlos:** Desculpe!

**Pedro:** E enquanto isso, o morto fica aqui, largado às moscas ...

**Márcia:** (ansiosa) E então podemos fazer logo o enterro?

**Isaac:** Claro, claro! Eu só preciso acertar alguns detalhes (chega perto do caixão, para examinar) Hum! Que interessante! Há muito tempo eu não vejo um morto com essa expressão de felicidade! (os outros se entreolham) Ele devia viver bem, não é mesmo?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Digamos que ele ... morreu bem ...

**Isaac:** (interessado) Como assim!

**Pedro:** (que estava observando) Ih! Lá vêm os detalhes!

**Márcia:** É que o Pedro morreu na cama ...

**Isaac:** Ah! Morreu dormindo ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Não. Morreu fazendo ... (abaixa a voz) sexo.

**Isaac:** Ahn!?

**Márcia:** A gente tava transando, seu papa-defunto, e ele não agüentou ...

**Isaac:** (olhando bem para Márcia) Não me admira. Com todo respeito, a senhora deve dar um trabalho!

**Carlos:** (pigarreia) Ran-ran!

**Pedro:** O cara é papa-defunto ou papa-viúva?

**Isaac:** (recupera a pose) Mas, minha senhora, eu gostaria de esclarecer novamente que eu não sou um papa-defunto, mas sim um “agente funerário” - proprietário por herança, há cinco gerações, da Goldenberg Serviços Funerários Limitada - a única que possui novíssimos carros importados da Bósnia para transporte de urnas, serviço de atendimento psicológico às famílias que perdem seus entes queridos, plano funerário GOLDEN - “Pague hoje o seu enterro de amanhã”...

**Márcia:** Tudo bem. E o enterro?

**Isaac:** (distráido) Enterro?



**Pedro:** Ih! O cara viajou! ...

**Carlos:** É, Isaac, o enterro que você veio fazer!

**Isaac:** Ah! Desculpem, eu quase ia me esquecendo. Por falar nisso, aqui estão convites para duas sessões de terapia de grupo com a família, para que todos encarem com mais naturalidade esse momento difícil que é a morte.

**D<sup>a</sup>. Naná:** E como é isso?

**Isaac:** Nós temos um psicólogo que leva mensagens de força para a família de quem perde um ente querido. Temos livretos, fitas de vídeo, CD-Rom funerário e tudo mais!

**Pedro:** Que evolução!

**Isaac:** Ah! E temos souvenirs muito interessantes (pega uma caixinha no bolso do paletó) Esse aqui é um chaveirinho da Goldenberg. Pode ficar pra senhora.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Cruzes! Mas é um caixão!

**Márcia:** E você queria que fosse o que, mamãe?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Sei lá! Uma coroa de flores, por exemplo ...

**Isaac:** Não senhora - me desculpe corrigir novamente - mas isto não é um caixão, é uma urna funerária. Toca até musiquinha, é uma graça!

**Pedro:** Que conversa de doido! Alô, gente, eu quero me enterrar! Coméquié!? Esse troço vai ou não vai (D<sup>a</sup>.

Naná abre o caixão do chaveiro. Gravado, sobre uma música de ninar, um poema de Augusto dos Anjos)

**Gravado:** *“Numerar sepulturas e carneiros,  
Reduzir carnes podres a algarismos,  
Tal é, sem complicados silogismos,  
A aritmética hedionda dos coveiros!”*

**Isaac:** É o máximo, não! É de Augusto dos Anjos!

**Pedro:** (enquanto os outros fazem cara de nojo) De muito bom gosto - uma beleza!

**Márcia:** (para Carlos, à parte) Não tem jeito de apressar isso? Esse papa-defunto está me deixando nervosa.

**Carlos:** O Isaac é assim mesmo - não pensa noutra coisa. A vida dele é a morte dos outros.

**Isaac:** Bem, vamos levar o falecido para sua última morada - quer dizer, isso se vocês renovarem a cada 3 anos o aluguel da gaveta. Sabem como é, hoje em dia anda morrendo tanta gente ... Se não renovar, ele é despejado.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Nossa! Que horror, do jeito que essa família vai, daqui a três anos nós vamos estar falidos. Duvido que alguém renove isso ...

**Isaac:** Aí então, vocês receberão os restos mortais dele, pra dar um fim ...

**Márcia:** Não! Não! ... esse desgosto eu não vou ter - ficar com os restos daquele resto de marido que eu tive,

nem morta! Nem que eu venda a roupa pra pagar o aluguel do defunto!

**Isaac:** (empolgado) Oba!!! (disfarça) Não, quer dizer, nesse caso nós podemos fazer uma permuta ...

**Carlos:** (cortando) Isaac, vamos, senão o falecido vai começar a reclamar ...

**Isaac:** Vamos lá. Pega aí do outro lado. Vai! Força! (levantam o caixão e saem carregando) O camarada é pesadinho, hein!

**Márcia:** Ele sempre foi uma mala ... pelo menos agora tem alça pra carregar.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Márcia, minha filha, cuidado que essas coisas voltam. (sai, para o interior da casa. Pedro fica observando, melancólico. Márcia senta-se e acende um cigarro)

**Márcia:** O Pedro, hein! Com aquela pose de “cometodas”, acabou morrendo daquilo. (Ri) É, eu não sabia que tinha esse poder. (ri novamente) Agora, eu sou uma mulher fatal! (Repete a antológica cruzada de pernas de Sharon Stone em “Instinto Selvagem”)

**Pedro:** Eu mereço - agora ela vai ficar cantando vitória: (imita) “Eu sou uma mulher fatal!”, é mole, era só o que me faltava. Agora eu é que sou um homem morto.

**Márcia:** Só espero que não apareça nenhuma amante daquele salafrário, ordinário, no enterro.

**Pedro:** Essas também já deviam estar querendo ficar livres de mim ... Um monte de mal-amadas, que não entendem o valor de um grande homem.

**D<sup>a</sup>. Naná:** (entrando) Márcia, vamos senão a gente vai chegar atrasada e o Pedro vai ser enterrado como indigente.

**Márcia:** (preguiçosa) Tá, mãe, vamos ...

**Pedro:** E eu ... vou ficar aqui mesmo. Vai o corpo, e fica o fantasma ... (as duas vão saindo) Vai, vai lá, mulher! Dá adeus praquele Pedro, porque esse Pedro aqui resolveu ficar mais um pouquinho pra infernizar a sua vida. Hum! Pensou que fosse ficar livre de mim assim tão fácil? De jeito nenhum! (vai até a televisão e tenta ligar, sem conseguir. Faz de tudo para ligar, no melhor estilo “pastelão”, mas não consegue) Ô, droga! Ainda preciso me acostumar com esse negócio. Vou é tirar uma soneca. (deita-se no sofá e se espreguiça) Esta casa nunca esteve tão sossegada. Que maravilha! Mas vai ser por pouco tempo. (vira de lado, com as costas para o público. BLACK-OUT)

# O ENCOSTO

## 2º ATO

Cenário: O mesmo. Um mês depois da morte de Pedro, que continua lá, encostado. Mais acostumado à condição de fantasma, ele resolve assombrar a casa.

(Música fantasmagórica ao fundo. Pedro entra, inteiramente à vontade. Observa as coisas com um ar divertido ... mexe nos móveis, pega um livro, anda pela sala até sentar-se, distraído. De repente, se dá conta da presença do público)

**Pedro:** Ah! Vocês estão aí ... legal! De vez em quando é meio solitária essa vida de fantasma. (anima-se) Mas vocês nem sabem as coisas que eu aprendi nesse mês, desde que eu morri. No começo foi meio complicado, porque essa história de “vida espiritual” é um rolo só - a gente atravessa parede, se incorpora nas pessoas, vê tudo ... (escolhe alguém na platéia e olha fixo, de cima a baixo) É sério, hein, vê tudo mesmo ... Mas até saber fazer isso tudo, a gente só quebra a cara. Eu até que dei sorte. Encontrei uns fantasmas gente boa, que me deram uma força. Senão eu ainda ia estar tentando fazer coisas simples como ligar uma televisão. Ah! Olha só! (vai até a TV, faz suspense - música de suspense ao fundo - e liga) Viram!? Agora é fácil ... (entram Márcia, D<sup>a</sup>. Naná e Carlos. As duas de luto. Como sempre, não percebem a presença de Pedro)

**Márcia:** Poxa! Até que enfim acabou aquela porcaria de missa de mês ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Que é isso, Márcia. Olha o respeito!

**Márcia:** Ora, mamãe, o Pedro nem era católico. Não sei pra que essas frescuras.

**Pedro:** Isso lá é mesmo. Nem eu, que sou o falecido, tive saco pra ir lá ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Isso é pra que o espírito dele descanse em paz. Afinal, vem acontecendo muita coisa estranha aqui em casa ultimamente.

**Márcia:** Tá, o Pedro descansa e a gente é que tem o trabalho de aturar sermão, andar de ônibus vestida de preto igual a um urubu, e tudo mais.

**Pedro:** Precisa não. Da próxima vez, você morre primeiro!

**Márcia:** O problema é esse negócio de ritual: tem ritual pra nascer, pra casar, pra morrer. Até os índios lá do Xingu são mais simples ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pense no lado bom, minha filha.

**Márcia:** Qual?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Sei lá! Procura aí, acha e pensa, que agora que tá cansada disso tudo sou eu.

**Carlos:** E por falar em coisa estranha, quem foi que deixou a televisão ligada?

**Pedro:** (disfarça) Eu!? Não, imagina! ...

**Márcia:** Viu, mamãe, eu disse que a senhora está ficando caduca.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Mas não fui eu, minha filha. Eu sei muito bem o que eu faço. Não tenho culpa que essa casa agora vive de pernas pro ar.

**Carlos:** (acalmado) Não fique nervosa, D<sup>a</sup>. Naná! (desliga a TV)

**D<sup>a</sup>. Naná:** E quem é que está nervosa, rapaz? Eu estou é cansada de ser tratada como uma velha esclerosada. E os direitos da terceira idade? Daqui a pouco vão me mandar pra um asilo, desses em que transformam velhinhos em ração pra cachorro!

**Márcia:** Pronto. Lá vem discurso!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Não, eu não vou falar mais nada.

**Pedro:** Ah! Essa eu quero ver.

**Márcia:** Tá, mãe, se você quer fazer pirraça, aproveita e leva lá pra dentro esse xale ridículo que você me obrigou a usar na missa.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu não sou sua empregada. Vá você!

**Pedro:** Eu não disse, é ruim essa velha ficar quieta.

**Carlos:** Calma, gente, vamos falar de coisas agradáveis ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (senta-se e fica mansa) Ah! Vocês ouviram como foi bonito o sermão de hoje ... tão sensível.

**Carlos:** (finge interesse, para agradar) A senhora é muito observadora.

**D<sup>a</sup>. Naná:** (irrita-se) Vê se tem cabimento! Meu rapaz, eu ouvi o sermão porque eu estava prestando atenção, enquanto você e a Márcia ...

**Márcia:** Mamãe!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Tá, esquece!

**Pedro:** Não, sogrinha, conta mais, vai!

**Márcia:** Eu me senti super mal. Imagine só. Eu me produzi todinha, para a missa, e não apareceu ninguém (muda o tom) Só o Carlos.

**Carlos:** Ora, Márcia, eu não podia faltar. Foi uma ocasião muito especial.

**Pedro:** Coméquié?

**Márcia:** Se o Pedro tinha algum amigo, deve ter ido com ele ...

**Pedro:** Nada! Ficou aí do seu lado, esse amigo-urso!

**Márcia:** O pior é que eu ainda tive que enrolar mais uma vez os credores do Pedro com um monte de desculpas. Só aparece gente para cobrar as dívidas que aquele safado ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Que é isso, minha filha! Preserve a memória do seu falecido marido.



**Márcia:** Que memória, que nada! Era safado sim, e está dito: safado e caloteiro!

**Pedro:** Quando eu estava vivo você não falava desse jeito.

**Márcia:** Ele deixou contas penduradas em todo o bairro. Onde eu chego, lá vem alguém com aquela cara de cobrador dizer: “Dona Márcia, tem uma continha do seu marido aqui ...”

**Pedro:** (disfarçando) Não era tanto assim ...

**Márcia:** Dá vontade de ir atrás daquele sem vergonha, pra fazer ele pagar tudinho e me tirar desse rolo.

**Pedro:** Olha só o abuso. A gente sai de perto e ela logo cria asas.

**Márcia:** Se não fosse a ajuda do Carlos, eu estaria desesperada.

**D<sup>a</sup>. Naná:** (ironiza) É, o Carlos tem sido muito atencioso mesmo. Eu nem cheguei a sentir a falta do Pedro nessa casa - morreu um, apareceu logo outro.

**Márcia:** Mamãe!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Por falar nisso, Carlos, como vai a família? E a “esposa”?

**Carlos:** Ora, D<sup>a</sup>. Naná, a senhora sabe muito bem que eu não sou casado.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Sei, mas isso nunca foi problema pra você.

Você sempre arruma uma mulher “emprestada” quando quer, não é mesmo?

**Carlos:** (desconcertado) A senhora está confundindo as coisas.

**Márcia:** Pare com isso, mamãe! O Carlos não pode perder tempo com uma conversa tão absurda quanto essa.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Ah! Eu sei muito bem que o Carlos não perde tempo mesmo ...

**Carlos:** Como assim?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Há uns meses atrás eu fui ao centro da cidade e o vi acompanhado de uma morena ... (olha para Márcia) até muito parecida com você, Márcia. (Márcia fica sem graça)

**Pedro:** Então quer dizer que eu tinha um sócio.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Quantas vezes eu liguei pro escritório, para falar com o Pedro, e o Carlos não estava. Nunca vi ninguém arrumar tanto serviço externo.

**Carlos:** É que eu saio muito para inspecionar obras ...

**Pedro:** Que mentiroso!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Sei, sei ... Uma obra assim, com um metro e setenta (olha para Márcia), coxas grossas, cabelos negros, sensual. (alisa o ventre) Sabe, tenho quase certeza de que essa obra fui eu que fiz!

**Carlos:** (fazendo-se de desentendido) O que a senhora disse?

**Pedro:** (coçando a testa) Que eu tenho chifres há mais tempo do que eu pensava.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu? Nada, nada. É que a minha novela vai deve estar começando. (liga a TV e senta-se para assistir) “Fiquem à vontade!”

**Márcia:** Você não quer ver televisão lá no seu quarto?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Não.

**Márcia:** Mas lá você não vai ser incomodada por ninguém. (tenta despachar a mãe) Vai lá!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Não! Estou bem aqui. Prefiro ficar incomodando vocês.

**Carlos:** (baixinho) Deixa, Márcia. Velho é assim mesmo!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu ouvi, hein! Velha é a ...

**Márcia:** (cortando) Mãe, olha a novela! (D<sup>a</sup>. Naná resmungando) Desculpe a mamãe, Carlos, ela ficou meio transtornada com a morte do Pedro.

**Carlos:** Tudo bem! A gente sabe que ela está com a razão, né, Márcia.

**Pedro:** Ó o cara, aí! O safado nem está tentando disfarçar.

**Márcia:** É, você tá certo. Agora eu tô mais aliviada. Acho que já cumpri minha obrigação com o Pedro - afinal, ele era um mulherengo, sem vergonha!

**Pedro:** (gabando-se) Nem tanto, nem tanto ...

**Márcia:** Eu queria era alguém que quisesse de verdade ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (cortando o clima) Ih! Olha só, Márcia, a mulher tá dando a maior bola pro Ricardão. Essa novela só tem safadeza! (Pedro ri)

**Márcia:** (irrita-se) Eu não agüento essa marcação da minha mãe o tempo todo.

**Carlos:** Que é isso, Márcia, é só impressão ... Ela está falando de outra coisa.

**Márcia:** Nada! Ela fica defendendo o Pedro a atrasando meus projetos pro futuro. Não sei porque isso. O Pedro não merecia uma mulher “tão boa” como eu, você não acha?

**Carlos:** Concordo plenamente. Você foi mesmo uma esposa “muito boa”.

**Pedro:** Quero ver se você vai dizer isso depois que ela te matar, igual ao que fez comigo ...

**Carlos:** (chegando perto) Você é um prêmio na vida de qualquer homem, um presente ...

**Márcia:** Você acha? (faz charme)

**Carlos:** Claro!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (interrompendo) Não disse que só tem safadeza! Agora vai começar uma cena de ... (abaixa a voz) sexo. É demais. Dá licença, que eu vou ver o resto lá dentro, enquanto arrumo umas coisas. Mas que pouca vergonha! (desliga a TV e sai)

**Márcia:** (irritada) Mamãe, você ... (Carlos interrompe a frase com um beijo. Ela corresponde. Música romântica ao fundo)

**Pedro:** (para o público) Agora vejam vocês! Não deram nem tempo da minha carcaça esfriar e já estão nessa sacanagem toda. Ô sonoplasta, corta essa musiquinha sem vergonha aí, senão eu começo a assombrar o seu lado! (chega perto dos dois. Corte na música) É um absurdo! Eu sustento e alimento essa mulher, trato ela como se fosse uma princesa, pra um vagabundo qualquer tirar uma casquinha! (dá um tapa nas costas de Carlos, que se assusta e olha pra trás)

**Márcia:** Que foi?

**Carlos:** Sei lá. Eu senti um troço nas costas ...

**Márcia:** Deve ter sido o vento, um golpe de ar.

**Carlos:** Não sei, não. Eu não me sinto muito à vontade aqui.

**Pedro:** Ah! não brinca, é mesmo!?

**Márcia:** Você não precisa ficar sem graça ... E, além do mais, a partir de hoje eu não vou mais vestir luto.

**Carlos:** Sério!? Assim é bem melhor. É um desperdício você com essas roupas.

**Márcia:** Pois é! Agora eu estou me sentindo livre.

**Pedro:** (revoltado) Olha só que mulher oferecida!

**Carlos:** E livre pra quê?

**Pedro:** (mais revoltado) Só se for pra botar chifre em um pobre defunto ...

**Márcia:** Livre para novas emoções ... (Os dois se abraçam de novo, se beijam e trocam carícias. Volta a música romântica ao fundo)

**Pedro:** (irado) Ô Sonoplasta! Eu já te avisei. Eu vou aí, hein! (Pára a música. O casal continua. D<sup>a</sup>. Naná chega na porta, olha, e balança a cabeça reprovando. Chega perto sem fazer barulho)

**D<sup>a</sup>. Naná:** (no ouvido da filha) Ô Márcia! (Os dois se separam, assustados)

**Márcia:** (quase estourando) Que foi, mamãe?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Nada. Só pra te avisar que a novela já acabou.

**Márcia:** E eu com isso?

**D<sup>a</sup>. Naná:** É que a cena de sexo ficou pro próximo capítulo!

**Pedro:** (anima-se) Essa velhinha é porreta!

**Márcia:** Você me paga, mamãe. Eu vou é tomar um banho frio, pra esfriar a cabeça! (vai saindo)

**Pedro:** Aproveita e esfria o resto. (Carlos e D<sup>a</sup>. Naná se encaram, ameaçando discutir) Vai lá, velhinha! Manda ver - passa um sermão no cara!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (olha para trás, preocupada) Você ouviu alguma coisa?

**Carlos:** Não, deve ter sido o vento, D<sup>a</sup>. Naná.

**D<sup>a</sup>. Naná:** É, deve ser.

**Pedro:** (cutucando a sogra) Vai, D<sup>a</sup>. Naná!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Êpa!

**Carlos:** A senhora está parecendo meio nervosa, meio descontrolada ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Descontrolada, eu!? Não, eu estou ótima.

**Carlos:** Tomara!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (ironiza) Mas Carlos, sabe o que eu gosto em você?

**Carlos:** (anima-se) Não, o quê?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Nada! Absolutamente nada! Da cor do cabelo ao mau hálito, tudo me irrita. Se você fosse uma pulga eu ia gostar mais. Pelo menos podia causar uma coceirinha gostosa. (Pedro se diverte) Mas assim, com essa cara de pastel, só fritando pra ver se é bom!

**Carlos:** (tentando se controlar) D<sup>a</sup>. Naná, a senhora tem um ótimo senso de humor. Devia trabalhar na TV.

**D<sup>a</sup>. Naná:** E você tem uma cara de pau que não tem tamanho. Há um mês você tenta me convencer que leva jeito pra genro.

**Carlos:** Não é bem assim. Só estou tentando ser agradável.

**D<sup>a</sup>. Naná:** É mesmo!? Então não tente. Fica pior!

**Pedro:** Caramba! Ela hoje está terrível!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pra ser sincera, rapaz, eu já tive que atuar muita coisa - o Pedro não era lá um bom genro, mas era divertido! Você é sem graça. Não dá nem gosto brigar com você, porque você não reage. Vai, fala alguma coisa!

**Carlos:** Ahn ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** Que houve? A Márcia comeu sua língua?

**Pedro:** Ah! Essa eu não posso perder. (dá um grito de guerra) Olha a assombração aí, gente! (pega as mãos de Carlos e o obriga a partir para cima de D<sup>a</sup>. Naná, como se fosse esganá-la)

**D<sup>a</sup>. Naná:** (assustada) Que é isso, Carlos!?

**Carlos:** (também assustado) Não sei, não estou conseguindo me controlar!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Sai pra lá, seu doido!



**Carlos:** Não consigo! Ah! meu Deus, o que é que está me dando? Eu tô sentindo uns arrepios estranhos ...

**Pedro:** Tá gostando, né, seu safado!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (protege o pescoço com as mãos) Vai pra longe de mim! Sai daqui senão eu grito!

**Carlos:** (em pânico) Não consigo parar! (Pedro leva as mãos de Carlos quase até o pescoço de D<sup>a</sup>. Naná mas, no último momento, faz com que ele puxe a velhinha pela orelha)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Ai! Socorro! Estou sendo atacada!

**Márcia:** (entrando correndo, com o cabelo molhado, despenteada, ajeitando a roupa) O que foi, mamãe!

**Carlos:** Márcia, eu não consigo parar!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Tira esse maluco de perto de mim, senão eu chamo a polícia!

**Márcia:** Mas que vergonha, Carlos - pra que fazer isso com uma velhinha!? Largue a mamãe! (Pedro solta as mãos de Carlos e sai rindo)

**Carlos:** (tonto) Eu não sei o que houve. De repente eu não podia mais me controlar. Parece que eu tava possuído!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Possuído uma ova! Você me paga, almofadinha!

**Carlos:** Mas eu não queria ...

**Márcia:** Senta um pouco aí e vê se fica calmo, que você tá tremendo mais que a mamãe.

**Pedro:** (ironiza) Tadinho!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu sei que não vou mais ficar aqui com esse ... esse... besta! (ameaça) Genro, nunca mais! Não dá mole, senão eu derrubo você! (sai)

**Márcia:** Poxa, você deixou a mamãe uma pilha. Também, puxar a orelha da pobre...

**Carlos:** Mas eu já te disse ... Eu tava aqui tentando agüentar as provocações de sua mãe e, de repente, tava lá puxando a orelha dela.

**Márcia:** (senta no sofá) Vem cá, vem! (Carlos vai para perto dela) Bota a cabeça no meu ombro - você tá muito nervoso.

**Pedro:** É brincadeira, em tudo que eu faço esse camarada se dá bem. Só mandando ele pro mundo dos espíritos.

**Carlos:** Essas coisas só acontecem comigo.

**Márcia:** Daqui a pouco ela esquece! A gente fica junto, mesmo que não possa ficar aqui ...

**Pedro:** Ah! que cara sortudo! Vai fundo! Ela já matou um marido - pra matar dois não custa nada.

**Carlos:** Será que a gente vai ser feliz?

**Márcia:** Claro ... (Volta a música romântica. Pedro olha

feito na direção do sonoplasta)

**Pedro:** Óóó! (para a música. Entra D<sup>a</sup>. Naná, com uma cueca na mão)

**D<sup>a</sup>. Naná:** (cortando) Ô Márcia, tem umas cuecas do falecido Pedro lá dentro do armário. O que é que eu faço com elas?

**Márcia:** (recompondo-se) Ah! Sei lá, mãe! Guarda aí que alguém pode precisar (dá uma olhada sensual para Carlos) Nunca se sabe, né, Carlos ...

**Pedro:** (irrita-se) Não! Não! Aí já é demais! ... As minhas cuecas eu não admito! Pode até usar a minha casa, usar a minha mulher ... Mas as minhas cuecas (repete) as minha cuecas de jeito nenhum! Nem pensar! (Pedro dá um soco na mesa e derruba um vaso de flores artificiais. Todos se espantam e olham o vaso)

**D<sup>a</sup>. Naná:** (benzendo-se, assustada) Valha-me, Nossa Senhora! Que foi isso!?

**Carlos:** (sem convicção) Deve ter sido o vento, D<sup>a</sup>. Naná.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Ah! Cala a boca que eu não falei com você, seu louco. Não me dirija a palavra!

**Márcia:** Calma, mamãe. Foi só um vaso que caiu.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Que nada, isso só pode ser assombração. Eu avisei: esse negócio de usar cueca de morto é muito perigoso!

**Pedro:** (sacudindo a sogra) É isso aí, sogrinha, me defende!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (desesperada, tremendo) Credo! O espírito do Pedro tá aqui! Eu juro que ouvi! Ele me bateu nas costas, Márcia.

**Márcia:** Pare com isso, que você vai deixar todo mundo nervoso.

**Pedro:** Eu tô gostando ... por mim, tudo bem.

**Carlos:** (gaguejando) Fi-i-que ca-alma do-ona Na-aná!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu senti o bafo do defunto!

**Márcia:** Você tá muito impressionada. Vai lá dentro tomar um chazinho de maracujá, que isso deve ser efeito da menopausa.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Menopausa? Eu vou te dizer quem está na menopausa! Aliás, eu vou é te dizer umas verdades que estão entaladas aqui, ó. (Pedro põe a mão na boca de D<sup>a</sup>. Naná, que tenta falar, sem conseguir)

**Pedro:** Não precisa ... eu tenho outros planos.

**Márcia:** O que foi, mamãe! (desesperada) Fala comigo, fala! O que está acontecendo, mamãe? Fala!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Hum! Hum! Huuummm!

**Carlos:** Pronto, a velhinha vai ter um treco!

**Márcia:** Dois enterros num mês eu não agüento. Vai,

mamãe, desentala! (dá um tapa nas costas de D<sup>a</sup>. Naná. Pedro solta e sai rindo)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Ai! Deus me livre! Eu vou é lá dentro pegar as minhas coisas pra benzer essa casa que ela tá com encosto! (sai)

**Márcia e Carlos:** Encosto!?

**Pedro:** Ih! Vocês ainda não viram nada ... (BLACK-OUT)

# O ENCOSTO

## 3º ATO

Cenário: o mesmo

(Clima de terror. Pedro assombra a casa. Música, efeitos, objetos voando. Luzes piscando. Pedro ri, assusta Márcia e Carlos, que não sabem como fugir)

**Pedro:** "Humanos, arrependei-vos! É chegada a 25ª hora!" Ah! Eu sempre quis dizer isso. Vamo lá, cambada, é hora de correr! (Márcia grita) Ôba! Bem que me disseram que esse negócio de assombrar era bom. Olha só, efeitos a la David Coperfield (faz um copo voar), produção de Steven Speilberg, e tudo mais ...

**Márcia:** Socorro! Carlos, faça alguma coisa!

**Pedro:** Ele já fez - nas calças! (ri)

**Márcia:** Carlos! Diz alguma coisa! (Pedro faz cócegas em Carlos, que pula numa poltrona)

**Carlos:** Ai, meu Deus!

**Márcia:** O que será que foi isso, Carlos? Será que é mesmo o espírito do falecido?

**Pedro:** Não, é Freddy Krugger!

**Márcia:** Será que nem depois de morto o Pedro vai me deixar em paz!?

**Carlos:** (desce da cadeira e recupera a pose) Não, Márcia, deve ter sido o vento ...

**Pedro:** (empurra Carlos, que cai no chão) Vento não, otário, um furacão! (assombra mais um tempo e pára de repente) Ô sonoplasta, corta o som aí! Ufa, tão pensando que é fácil? (respira fundo) Isso aqui esgota qualquer um ... (com a parada, Márcia e Carlos tentam sair de fininho. Pedro percebe e corre para dar um susto nos dois) A-ha! Vocês não vão sair não! Eu ainda não acabei. Luz! Câmera! Ação! (dá uma gargalhada macabra. As luzes voltam a piscar - Pedro empurra os dois e volta a agitar. Vai até a mesa e começa a bater. Carlos e Márcia ficam tremendo, atônitos. Nisso, entra D<sup>a</sup>. Naná, vestida como uma benzedeira baiana. Ela de depara com a cena. Música para ela)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu sabia! É encosto, e do brabo!

**Pedro:** Olha só a velha! (ri) Eu não agüento. Essa velha é uma figura mesmo.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu já vi muito encosto como esse. Outro dia eu tive até que chamar o Padre Sábados para resolver, porque eu não dei conta ...

**Márcia:** Mamãe! Graças a Deus!

**Carlos:** Salve a gente, D<sup>a</sup>. Naná!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Não me dirija a palavra, energúmeno!

**Márcia:** Mamãe, esse é um caso de emergência. Esquece o Carlos!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Esquece você, que o falecido vai embora!

**Márcia:** Não! De jeito nenhum!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Então fica quieta aí, que o negócio é comigo!

**Márcia:** E o que é que você vai fazer?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Eu vou é botar esse encosto pra correr!

**Pedro:** (começa a correr pela sala) Já tô correndo, velhinha. Onde é que fica a linha de chegada? (pára e ri a vontade) Brincadeira! Eu vou ter um infarto! (cai em si) Ué! Como é que eu vou infartar se eu já morri?

**Carlos:** Nunca tive um dia desses. Deus me livre! Que loucura!

**Pedro:** Ah! Coitado, foi demais pra cabeça dele. Então vamos relaxar. Música, maestro! (Pedro pega Carlos e começa a dançar com ele - uma música típica, como tango ou salsa)

**Carlos:** Socorro! Eu não consigo me controlar!

**Pedro:** Calma, garotão, não vai doer nada!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (à parte, para Márcia) É um caso complicado, minha filha. Eu disse pra você dar um tempo e deixar o Pedro descansar ...

**Márcia:** Ai, mamãe, a carne é fraca!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Agora você vai ter que aturar! Torce pra



eu conseguir dar um jeito nisso.

**Márcia:** Por favor, livra o Carlos desse vexame. Ele tá parecendo uma dançarina desvairada.

**D<sup>a</sup>. Naná:** O quê!? A esse eu não ajudo! Tá pensando que eu esqueci? A minha orelha ainda está doendo. Na verdade, eu tô até gostando.

**Carlos:** (aderindo) Ô Márcia, até que não é tão ruim assim! Você devia experimentar também ...

**Pedro:** (largando Carlos e fazendo um sinal pra música parar) Ó o cara, aí! Aderiu!

**Márcia:** Ih! Eu já experimentei bastante. Já dancei muito por causa do Pedro.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Márcia, fique junto desse ... desse molestador de velhinhas, porque com as jovens ele é inofensivo.

**Carlos:** Ó a mentira!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Façam uma corrente! Pensamento positivo!

**Márcia:** Poxa, corrente só com duas pessoas?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Contenção de despesas. O diretor não quis contratar figurantes ...

**Pedro:** Que crise, hein! Teatro amador é assim mesmo.

**Márcia:** Ah! mãe, então pede ajuda pra esse pessoal aí (aponta para o público)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Grande idéia! Vamos lá, gente, uma corrente - pensamento positivo pra que eu consiga falar com o falecido! (muda a luz. Ela se concentra) Pedro! (ela olha sempre para onde Pedro não está)

**Pedro:** (impaciente) Que é?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pedro!

**Pedro:** O que é, sogra!? Desembucha!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pedro!

**Pedro:** Que foi, ô rezadeira de araque? Já respondi, ficou surda?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Ouço um som bem longe ... uma voz ...

**Márcia:** Será que é ele?

**D<sup>a</sup>. Naná:** (na bronca) Não! É aquele cara ali da terceira fileira, que quebrou a corrente. (vai à frente) Meu amigo, por favor, isso aqui é uma comédia, mas exorcismo é um assunto muito sério. Por favor, mantenha a corrente!

**Pedro:** Ô, incompetência! Eu tô aqui, D<sup>a</sup>. Naná!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Concentração total! ... Pedro! Responde, Pedro!

**Pedro:** Ah! meu Deus, o que eu fiz pra merecer isso.

Liga pro meu celular, D<sup>a</sup>. Naná, que eu cansei! (senta-se e começa a assobiar)

**D<sup>a</sup>. Naná:** (num sobressalto) A-ha! Ouviram!?

**Márcia e Carlos:** (apreensivos) O quê!?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Um assobio. Agora é ele! Vai ver que ele não pode falar ... isso acontece. Pedro!

**Pedro:** Ah! não! Outra vez!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pedro, não precisa responder. Só quero falar com você. Preste atenção!

**Pedro:** (tampa os ouvidos com as mãos) Sou todo ouvidos, quer dizer, espírito!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Você precisa ir embora desta casa, para dar descanso à sua família. Aceite, Pedro, você agora está morto!

**Pedro:** (destampa rapidamente os ouvidos) Isso é uma questão de ponto de vista ... (volta a tampar)

**Márcia:** (para Carlos) Será que vai funcionar?

**Carlos:** Sei lá! Se a coisa ficar feia, eu vou sair de fininho.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pedro, agora que você está morto, você vai para o céu, receber a recompensa pela sua vida. Vai ouvir aquele coro de anjos, e viver em paz e harmonia com os espíritos evoluídos, que já foram para o céu, antes de você ...

**Pedro:** (alto) SIM! (Como naqueles programa de prêmios na TV, da pessoa dentro da cabine)

**D<sup>a</sup> Naná:** Pedro, você não tem mais direito às coisas materiais, aos prazeres da carne, àquela cervejinha na saída do trabalho, a paquerar a mulher do vizinho, nem a passar cheque sem fundo ... Tudo isso acabou, entendeu?

**Pedro:** (idem) NÃO!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Márcia já escolheu seu novo amor. Compreenda, é uma questão de gosto. Por mim, esse ainda é pior que você, mas não tem jeito - é ela quem escolhe. Vá embora, Pedro, eu peço.

**Pedro:** (idem) NÃO!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Me dê um sinal, Pedro. (suspense)

**Carlos:** Não estou gostando. Vai acabar sobrando pra mim. (Pedro chuta o traseiro de Carlos e volta a assombrar)

**Márcia:** Viu, mamãe, não deu certo. Agora nós estamos fritos!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Calma, minha filha, eu ainda tenho outros recursos. (Pedro senta-se na mesa) Vamos concentrar de novo. (faz uma posição de ioga, à frente) Aum ... Aum ... Aum ...

**Carlos:** Nossa Senhora, ela agora tá apelando até pra mantra indiano.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Silêncio, seu irritante! Peraí! ... Aum ... Aum ... (continua)

**Pedro:** (para o público, com voz de propaganda de TV) Bem, gente. Tudo o que vocês viram até agora foi o jeito errado de mandar um encosto pra longe. Mas aqui está a solução: (pega um livro, de capa bem chamativa) O mais novo guia do exorcista amador, GHOST OUT. Com GHOST OUT você está armado contra qualquer tipo de espírito obsessor, poltergeist, e até mesmo funcionário-fantasma. O quanto você vai pagar por isso? Não, não responda agora, porque na compra de GHOST OUT você ainda leva esse incrível kit com terço, dente de alho, pé de coelho e água benta, e seu exclusivo certificado de garantia.

**Carlos:** (sem perceber o que acontece) Bem, parece que agora as coisas acalmaram. Vou ver TV (liga a TV) Ih! Olha o Pedro lá, Márcia! Vem ver!

**Márcia:** Credo! É mesmo!

**Pedro:** (continua a propaganda) GHOST OUT, testado e aprovado pelos mais famosos e conceituados parapsicólogos do mundo. Ligue já para 011-1406 e receba GHOST OUT pelo preço de 49 reais e 99 centavos. Se você não ficar satisfeito, nós devolvemos o seu dinheiro. Mais um grande lançamento do Grupo Imagem e do Além-Shop.

**Carlos:** (espantado) Que é isso, gente!? Ele está assombrando até a TV!

**Márcia:** Mamãe! Mamãe!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (alheia a tudo) Peraí, menina, que eu tô tentando sentir o falecido (finalmente percebe a presença de Pedro e vai até ele, decidida) A-há! Tá ali o safado!

**Pedro:** (diverte-se) Achou!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Já que você não quis sair por bem, vou ter que usar outras armas. Ou você sai agora, ou vai sofrer as conseqüências.

**Pedro:** (brincando, como uma criança) Não saio! Não saio! (faz uma careta)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Tá bom, você é quem pediu! (pega a bolsa)

**Carlos:** Ô Márcia, sua mãe sabe mesmo o que está fazendo?

**Márcia:** E eu é que sei?

**D<sup>a</sup>. Naná:** (procura alguma coisa na bolsa) Droga, onde foi que eu botei ...

**Pedro:** Tá meio enrolada aí, velhinha? ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (pega um soutien, pensando que é um terço) Sai encosto! (Pedro dá uma gargalhada) Ih, meu Deus, cadê o terço?

**Carlos:** Vai ver que a senhora vestiu ele por engano, no lugar do soutien ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (pára o que está fazendo e vai até Carlos) Escuta aqui, engraçadinho, a coisa já tá muito compli-

cada sem as suas piadinhas ... Se você faz melhor, vai lá, vai!

**Carlos:** Não! Fique à vontade ... o encosto é todo seu!

**Márcia:** (impaciente) Carlos, você não podia ficar de boca fechada?

**Carlos:** Saiu... Foi mal...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (volta) Pronto, Pedro, onde é que a gente parou?

**Pedro:** No terrível soutien anti-encosto!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Vai brincando ... (pega o terço) Sai, espírito, eu ordeno!

**Márcia e Carlos:** (em coro) SAI! SAI! SAI!

**Pedro:** (rindo) Ih! velhinha, eu sinceramente preferia o soutien!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Você é que sabe. Sai daí, espírito desordeiro, larga dessa família!

**Márcia e Carlos:** (em coro) SAI! SAI! SAI!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (para os dois) Dá um tempo, gente, que eu não preciso de torcida organizada. Pedro, eu te ordeno, saia já dessa casa, senão ...

**Pedro:** Tô morrendo de medo, olha só! (avança para D<sup>a</sup>. Naná, que recua)

**D<sup>a</sup>. Naná:** Cruzes! Ele tá vindo pra cá! (Márcia e Carlos correm para trás dela, tremendo de medo)

**Pedro:** Mas que vergonha! Um monte de marmanjos se escondendo atrás de uma pobre velhinha ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** (avança novamente, com o soutien na mão) Sai, encosto! Eu já mandei, não vou mais repetir!

**Pedro:** (tranqüilo) Ah! assim é bem melhor. Eu já tô cansado de ouvir esse monte de besteiras.

**D<sup>a</sup>. Naná:** (contrariada) Olha, gente, o caso é mais complicado do que eu pensava. O falecido é fogo, não tá querendo me obedecer!

**Pedro:** Também pudera. A velha quer me exorcizar com um soutien... Assim é meio difícil de aturar!

**Márcia:** Ele não ligava pra você nem quando estava vivo, mamãe, não ia te obedecer agora!

**Carlos:** E o que a senhora vai fazer agora, D<sup>a</sup>. Naná?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Bom, agora só tem um jeito: (faz suspense) chamar o Padre Sábados ...

**Márcia e Carlos:** Padre Sábados!?

**D<sup>a</sup>. Naná:** É! ... Ele mesmo.

**Márcia:** Já estou até com pena do Pedro.

**Pedro:** (assustado) Coméquié? Não, não, por favor, o Padre Sábados não! (ajoelha-se e implora) Por favor,



clemência! Aí já é covardia, D<sup>a</sup>. Naná!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Você não me obedece, fantasma encostado, o jeito é apelar.

**Pedro:** Eu já não agüentava aquele padre quando era vivo, ainda mais agora. A senhora não vai fazer isso comigo, né?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Vou sim ... e não adianta implorar.

**Pedro:** (tenta convencê-la) Poxa, D<sup>a</sup>. Naná, eu não faria isso nem com o meu pior inimigo.

**D<sup>a</sup>. Naná:** (faz jogo duro) Era só você já ter saído ...

**Pedro:** Mas eu sou um fantasma camarada - lembra do Gasparzinho? Eu sou divertido, conto piada, canto pagode e tudo mais.

**D<sup>a</sup>. Naná:** Divertido!? E essa confusão toda que você aprontou hoje? Você extrapolou!

**Pedro:** Bem, aí é diferente. Eu já disse - cueca é uma coisa pessoal. Eu não vou deixar ninguém usar as minhas - de jeito nenhum!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Pedro ...

**Pedro:** Quer saber, isso aqui tá uma pouca vergonha. A mulher mata o marido, de cansaço, põe um camarada dentro de casa no mesmo dia, quer que a figura use as cuecas do falecido, e eu é que tenho que sair!? Não! Saiam vocês! (grita) Fora, todo mundo, que eu vou botar pra quebrar! (as luzes piscam. D<sup>a</sup>. Naná nem se

abala) Coméquié? Não vai sair, não?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Não. Se eu sair vai ser pra chamar o Padre Sábados.

**Pedro:** (passa a mão pelo ombro da velhinha) Poxa, sogrinha, a senhora vai fazer isso logo comigo?

**D<sup>a</sup>. Naná:** E eu ia fazer isso com quem? Não foi você que morreu, imbecil?

**Pedro:** Mas sogrinha, eu faço coisas sensacionais, que a senhora não vai poder dispensar ...

**D<sup>a</sup>. Naná:** E o que é que um morto pode fazer, que eu não possa?

**Pedro:** (se afasta) Música, maestro! (tema da “Panteira cor de rosa) Você vai entrar no mundo maravilho de Pedro, o Encosto. Prepare-se para uma viagem além da imaginação!

**Carlos:** Isso aqui tá cada vez pior ...

**Márcia:** O que será que está havendo com a mamãe?

**Carlos:** Sei lá, a velha tá tremendo.

**Pedro:** (faz movimentos com as mãos à distância, enquanto D<sup>a</sup>. Naná treme, se arrepia e começa a se sacudir) E então, está gostando?

**D<sup>a</sup>. Naná:** (se desmanchando) Ahn!? Tô, tô sim ... Nem me lembro da última vez que senti isso ... (de repente, balança a cabeça e recupera a pose) Pára, Pedro! Você

quase conseguiu, mas chega disso. Ai, eu posso até me arrepender, mas não tem nada que você faça que me mude de idéia. Sai daqui, encosto! - Agora, ou eu vou chamar o Padre Sábados!

**Pedro:** É, a velha é mais resistente do que eu pensava!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Vai, Pedro!

**Pedro:** Tudo bem, tudo bem! Já que a senhora vai apelar, eu saio. Tem problema não. (vai saindo, D<sup>a</sup>. Naná vai atrás) Mas fica lá, que a sua marcação é lá!

**D<sup>a</sup>. Naná:** Tá, já voltei. Agora vai!

**Pedro:** Eu vou ... estou saindo, ó ... (pára na porta e volta) Mas eu não vou deixar vagabundo nenhum usar as minhas cuecas! Isso não! (vai saindo novamente, pára e ameaça) E quem usar, vai virar boiola! BO-I-O-LA! E tenho dito! (sai, com uma trovoadas. D<sup>a</sup>. Naná respira fundo e se senta, cansada. Carlos começa a dar sinais de estar virando boiola - empurra Márcia para longe e começa a andar de um jeito estranho)

**Márcia:** E-ele já foi, mamãe?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Foi. Contrariado, mas foi.

**Márcia:** (aliviada) Graças a Deus! Até que enfim!

**D<sup>a</sup>. Naná:** É, mas não é bom comemorar ainda não porque ele rogou uma praga ...

**Márcia:** (apreensiva) Praga!? Que praga?

**D<sup>a</sup>. Naná:** Ele disse que quem usar as cuecas dele, vai virar BOI-O-LA!

**Márcia:** (olha para Carlos) Ah! meu Deus, agora é tarde!

**D<sup>a</sup>. Naná:** (olha para Carlos, rindo) E olha, minha filha, que praga de defunto pega mesmo!

**Carlos:** (solta a franga) Ih! Coisinha, liga não que isso é psicológico!

(Todos congelam. Pedro dá uma gargalhada macabra, fora de cena. BLACK-OUT)

***FIM***

**O ENCOSTO**  
**Comédia em 3 Atos**

---

## **SOBRE O AUTOR**

### **WILLIAM MENDONÇA**

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,  
nascido em Niterói - RJ, em 1968,  
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 18 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - mantém coluna INFORME CULTURAL no jornal O ALERTA, de Itaboraí - e é bancário no BB.

## **E-book criado por William Mendonça**

O autor autoriza a distribuição gratuita desde que o conteúdo não seja alterado e que seja citada a autoria e a fonte.

Publicado no site do autor em 15/10/2006  
[www.williammendonca.com](http://www.williammendonca.com)

Contatos para montagens teatrais:  
[will\\_mendonca@yahoo.com.br](mailto:will_mendonca@yahoo.com.br)

